

# FORMAÇÃO DO CIDADÃO OU FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO? A EDUCAÇÃO IDEAL PARA BERTRAND RUSSELL

Mathews Saalfeld Bartz<sup>1</sup>

**Resumo:** os professores são os encarregados de transmitir certos valores e conteúdos às novas gerações. Mas diante de tal responsabilidade, se apresentam dois caminhos aos professores: 1) oferecer uma formação em razão do que o Estado e a sociedade esperam deles ou; 2) oferecer uma formação em razão da autonomia e da individualidade dos estudantes. O objetivo do artigo é encontrar uma alternativa entre esses dois caminhos. Para tal fim, é utilizada a obra *Educação e Ordem Social* de Bertrand Russell. O filósofo visa solucionar os principais problemas educacionais como o nacionalismo, o classismo, a competição e o dogmatismo. Após a exposição desses problemas, ele propõe um modelo de Estado Internacional que deverá gerenciar a educação em prol de toda a humanidade, no entanto, tal educação também necessitará preservar a liberdade de pensamento e a autonomia dos indivíduos. A partir do modelo de Russell, defendem-se soluções pragmáticas a serem incorporadas nas escolas: 1) grupos de estudos focalizados; 2) eventos de debates e; 3) cooperação e diálogo com escolas de outros países.

**Palavras-chave:** Bertrand Russell; Educação; Filosofia da Educação.

**Abstract:** teachers are in charge of transmitting certain values and contents to new generations. In the face of such responsibility, two paths are available to educators: 1) offer training on the basis of what the State and society expect from them; 2) offer training based on students' autonomy and individuality. This paper aims to find an alternative between these two paths. For such, Bertrand Russell's *Education and Social Order* is referred to. The philosopher aims to solve major educational problems such as nationalism, classism, competition and dogmatism. After exposing these problems, he proposes a model of an International State that should manage education for the benefit of all mankind; however, such education will also need to preserve the freedom of thought and autonomy of individuals. From Russell's model, pragmatic solutions to be incorporated into schools are advocated 1) focused study groups; 2) discussion events and 3) cooperation and dialog with schools in other countries.

**Keywords:** Bertrand Russell; Education; Philosophy of Education.

## Introdução

A questão cerne desse artigo surge em meio ao início da prática docente, quando o autor passou pelo autoquestionamento sobre a quem a sua prática

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). E-mail: matheusbartz@live.com

deveria atender: 1) se deveria seguir o que o Instituto Educacional que está estagiando determina ou 2) se deveria seguir o que ele próprio considera ser uma educação autônoma e com liberdade de pensamento.

Diante da prática docente, surge então a questão: qual a formação ideal que deve ser proporcionada aos estudantes secundaristas, em especial no ensino de Filosofia? O artigo se baseia na obra do filósofo inglês Bertrand Russell (1872-1970) *Education and Social Order* (1932)<sup>2</sup>. Na primeira parte do trabalho são apresentados os principais problemas educacionais segundo Russell, a saber: o nacionalismo, o classismo, a competição e o dogmatismo. Após elucidar esses problemas, apresenta-se o Estado ideal que Russell propõe como solução para esses problemas, sendo esse Estado o encarregado da educação ideal. Ao fim, baseando-se na argumentação do filósofo, são propostas três soluções pragmáticas para a educação contemporânea.

## 1. Os principais erros da educação atual

Existem dois tipos de pessoas que debatem sobre a educação: a primeira é a que tende a concordar com o tipo de educação oferecida no presente momento e segunda é a que tende a criticá-la e mostrar o que pode ser melhorado. Russell se encaixa no segundo tipo. Mas para explicar o tipo de educação ideal que ele pretende propor, ele precisa apresentar um modelo político ideal, pois todo sistema social possui um instrumento educacional e gera um tipo de de sujeito. Se ele apresenta diferentes concepções de Estado, de educação e de ser humano é porque os Estados, a educação e os seres humanos que existem em seu momento não estão de acordo com o que ele tem em mente, logo, na primeira seção do artigo são introduzidas as principais críticas de Russell à educação de seu tempo.

Para o filósofo, a educação se tornou um jogo de poder entre as religiões, as classes e as nações. O estudante é mais visto como um recruta do que como um indivíduo com interesses próprios, sendo os seus principais males: 1) o nacionalismo; 2) o classismo; 3) a competição e; 4) o dogmatismo. Como as escolas e universidades estão envoltas por essas ideias, elas acabam por repassar esses valores aos seus alunos. As subseções a seguir apresentam os argumentos do inglês para rechaçar essas práticas, sejam na educação ou em qualquer outra esfera (RUSSELL, 1947).

---

<sup>2</sup> Recorro apenas a essa obra, pois o filósofo inglês foi um profícuo escritor e, como anti-dogmático que foi, esteve sempre aberto a mudar as suas posições, o que na construção do artigo poderia tornar confuso e até mesmo contraditório certos posicionamentos em diferentes períodos e obras. Tal obra é a que ele trata o problema da educação de maneira específica.

## 1.1 O NACIONALISMO

A educação das massas é uma tarefa de enormes proporções que só pode ser efetuada por órgãos com grandes poderes. O que na situação de Russell e nos dias atuais é tarefa do Estado. Como o Estado é o gerenciador da educação pública, ele influencia no tipo de mentalidade que é imposta aos estudantes, tornando a educação nacionalista. Canto do hino nacional, juramento à bandeira e feriados em função de datas importantes à nação são exemplo de atividades que desde cedo incutem a mentalidade nacionalista nas crianças. (RUSSELL, 1947)

De acordo com o filósofo<sup>3</sup>, o nacionalismo é sem sombra de dúvidas o mais perigoso vício de nosso tempo e somente com a diminuição da virulência nacionalista é que a civilização pode continuar.<sup>4</sup> O nacionalismo faz com que aos seres humanos de determinada nação sejam ensinados apenas uma versão da história, da economia e da política a fim de se afiliarem essa certa visão de mundo. Essa ideologia, ao invés de cultivar e apontar os horrores da guerra, continua a incentivar nos mais jovens os sentimentos que tornam a guerra e a violência inevitáveis, pois as nações disputam propriedades entre si e cada indivíduo envolvido na disputa crê cegamente de que a sua nação é superior, sendo necessário espalhar a ‘civilização’ a todos os rincões do mundo. Essa lealdade a uma nação, que é comandada por grandes criminosos, faz com que os seres humanos comentem atos violentos e horríveis em função da virtude que a lealdade à nação adquiriu; se não fosse dessa forma, os seres humanos achariam tais atos repugnantes. Se o indivíduo conseguisse se livrar dessa visão dogmática do patriotismo que é o nacionalismo, ele perceberia que o roubo, por exemplo, é condenável no nível dos indivíduos, mas é tratado com exaltação e glória quando ocorre entre nações. (RUSSELL, 1947)

O inglês, apesar das duras críticas que possui ao nacionalismo, considera válida essa ideologia quando ela está ligada a resistência à exploração estrangeira. Mas mesmo nesses casos, o nacionalismo ainda é um vício como

---

<sup>3</sup> Vale ressaltar que Bertrand Russell foi um pacifista cujas causas em destaque foram a luta contra o alistamento obrigatório inglês na Primeira Guerra e suas campanhas anti-nucleares, tendo até mesmo sido preso por suas manifestações em 1918 e expulso na Universidade de Trinity por seus posicionamentos políticos que se contrapunham ao colonialismo e as participações inglesas no cenário internacional. Ao apontar algumas críticas de Russell nessa seção, fica claro o possível desconforto que seu pensamento possa ter causado às autoridades políticas.

<sup>4</sup> A obra Educação e Ordem Social foi escrita em 1932, período conhecido como entreguerras pois se situa entre o final a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, período marcado pela tensão dos blocos capitalistas e socialistas. Também a obra data de três anos após à crise de 1929.

um princípio e não deve ser admirado, mesmo em nações lutando pela sua liberdade. Para ele, os males de tal ideologia estão ligados à propriedade privada, pois as nações são incentivadas a entrar em guerra pela possibilidade de aquisição de mais bens e maior lucratividade para as classes economicamente privilegiadas. (RUSSELL, 1947)

## 1.2 O CLASSISMO

O classismo é a concepção de que certas classes sociais são superiores as demais e que normalmente advoga em favor das classes economicamente privilegiadas. Na educação, o classismo interfere, por exemplo, no ensino de história, economia e ética, pois os conteúdos são narrados dos pontos de vista dos mais ricos. Aquele ‘homem da rua’ crê que a virtude de cada homem é proporcional a sua renda, motivo pelo qual ele acredita que seja justo que determinados homens possuam altas rendas tendo em vista que eles seriam mais virtuosos que ele. Mas para Russell, a desigualdade social está ligada à herança e às sociedades patriarcais e não à virtude particular de cada homem. Só que tal entendimento só é possível de ser obtido por aqueles que possuem a capacidade de questionar o *status quo* e tal capacidade, exige tempo livre para se estudar diversos assuntos, tempo esse que somente as classes privilegiadas possuem. O que para ele, é uma injustiça que precisa ser corrigida (RUSSELL, 1947).

## 1.3 A COMPETIÇÃO

Outro valor que permeia a educação e é criticado pelo filósofo é a competição. A competição é o sentimento que leva os seres humanos a se enxergarem como adversários e rivais em que a um resta a vitória e ao outro a derrota. Para tais resultados ocorrerem, é necessária uma espécie de conflito entre as partes a fim de definir essa disputa. O que ocorre com o nacionalismo e as disputas entre as nações no plano macro tende a se repetir nos planos micro, como as disputas entre grupos e entre indivíduos.

A educação voltada à competição começa desde cedo dentro das famílias e decorre do modelo patriarcal, pois as famílias se veem como entes isolados em relação ao resto, por isso, os pais incentivam o individualismo nos jovens e a competir com os demais, a fim de que possam sobreviver no mundo adulto. Os pais competitivos assim o são, devido ao fato de não se verem como pertencentes a um grupo maior, o da raça humana (RUSSELL, 1947).

Russell (1947) argumenta que a competição também está impregnada na educação e mesmo que ela seja boa, as emoções que ela desencadeia estão ligadas

a hostilidade, a crueldade e a desumanidade. Eticamente, exceto economicamente<sup>5</sup>, é indesejável ensinar os jovens a serem competitivos. Além do efeito emocional, a competição gera nos jovens uma oposição à cooperação.

Dentro das escolas e universidades, os administradores escolares tendem a focar as qualidades que podem ser medidas, como as questões de múltipla escolha e que para os órgãos governamentais é o mais importante, visto que é o que ‘aparece’ para a população e para seus superiores (RUSSELL, 1947).

É necessário remover a tirania dos exames, aponta Russell (1947). Nessa incessante corrida pelas notas mais altas nos exames, tanto entre os estudantes quanto os institutos educacionais, os estudantes são expostos à sobre-educação. Um modelo em que os alunos são expostos a tantos conteúdos, durante tantos anos que acaba por danificar a sua imaginação, seu intelecto e até mesmo a sua saúde física. Assim, após concluir os anos obrigatórios da escola, o aluno deseja se livrar na vida adulta de qualquer atividade intelectual, seja uma instrução profissional ou a leitura de um livro.

Outra questão se refere a competição na educação é sobre o *bullying*. Quando as crianças chegam à escola, nos seus primeiros anos escolares, elas sofrem com a competição extraclasse entre os alunos mais velhos e sofrem abusos psicológicos no início, mas com o passar do tempo elas endurecem e começam a entender a lógica competitiva que permeia os corredores escolares, sendo que após um período, elas próprias dominam esses jogos de poder e se tornam as partes ativas nas relações de *bullying*. Quando os estudantes saem da escola, eles estão com essa ideia de competição tão cristalizada em suas mentes que o sucesso no mundo adulto é semelhante ao sucesso no mundo escolar, onde as relações são de dominação e de obediência e não de cooperação e senso de pertencimento a uma comunidade (RUSSELL, 1947).

#### 1.4 O DOGMATISMO

Dogmatismo é a crença de que uma ideia ou um conjunto de ideias seja verdadeiro e de que tudo o que não pertença a tal conjunto de valores é falso, sendo que o questionamento de tais verdades deva ser condenado e mitigado.

---

<sup>5</sup> Esse ponto é um claro exemplo de certas contradições que as obras de Russell possuem entre elas, pois na obra *Educação e Ordem Social* ele valida a competição econômica, enquanto que na obra *Caminhos para a Liberdade* ele defende o socialismo de guilda: sistema econômico baseado em espécies de sindicatos que abarcam toda a produção de algo e que está submetido à guilda dos consumidores, onde não há competição entre as guildas, mas apenas cooperação. Ver RUSSELL, Bertrand. *Caminhos para a Liberdade: Socialismo, Anarquismo e Sindicalismo*. Tradução Breno Silveira. São Paulo, Martins, 2005 (Orig. 1948).

Qualquer forma de ortodoxia é a morte da inteligência<sup>6</sup> e a eliminação da superstição é fundamental caso queiramos um mundo melhor. O que ele entende por superstição são as crenças baseadas na tradição ou as crenças baseadas em um caráter emocional. As pessoas que acreditam nessas superstições acabam criando sistemas educacionais que envolvem o respeito à sabedoria dos antigos e modos de avaliar o mundo que não se baseiam na racionalidade. Assim, os educandos se tornam mais facilmente manipuláveis pelos grupos que detêm o poder e são incapazes de perceber as injustiças sociais que ocorrem com eles e com os outros. A educação dogmática incentiva o prazer por obedecer e agradar o inspetor e desestimula o prazer pelo próprio conhecimento e pela sua busca. Tal educação torna o estudante incapaz de obter novas descobertas pelo respeito e medo de discordar do professor. Sendo que os próprios professores são selecionados para se encaixar nos moldes rígidos desejados pelo Estado - o que é inaceitável para a maioria das pessoas inteligentes - e depois repassam aos alunos. Desse modo, há uma contínua perpetuação de docentes subservientes às autoridades (RUSSELL, 1947).

As instituições que mais incentivam o dogmatismo e superstição são a Igreja e o Estado, segundo Russell (1947). Essas instituições tentam manter as crianças ignorantes para que não questionem e sejam mais dóceis no futuro. Sendo a religião<sup>7</sup> uma força conservadora e de alto apreço por falácias de autoridade e as escolas públicas as incentivadoras de práticas imperialistas cujo cerne é a conformidade e o desprezo aos livres pensadores.

## **2. O Estado Ideal**

Para resolver esses problemas, Russell (1947) aponta para a necessidade de uma mudança educacional e política, sendo a reforma política mais importante do que a educacional e mais relevante do que qualquer outra mudança. Nessa seção sobre o Estado ideal de Russell serão apresentadas as suas soluções para o nacionalismo, o classismo e a competição e na seção seguinte, sobre a educação ideal, será tratado com maior enfoque o problema do dogmatismo e de como conciliar uma educação para a formação do cidadão e do indivíduo.

O Estado ideal para o filósofo é um Estado Internacional. Nele, o comando do mundo caberia a uma liga das nações, as disputas entre as nações seriam resolvidas por um tribunal internacional e não haveriam restrições sob as imigrações. Tal Estado deveria ter autoridade internacional suficientemente

---

<sup>6</sup> O que pode ser observado na trajetória intelectual de Russell.

<sup>7</sup> Russell vê a religião como um atraso civilizatório e advoga que qualquer melhora na civilização tem que estar correlacionada com a diminuição geral da religiosidade.

---

forte para impor arranjos aos Estados que resistirem a tal união (RUSSELL, 1947).

De acordo com Russell (1947), a economia do Estado Internacional deve ser gerenciada de maneira unitária<sup>8</sup>. Para ele, o desenvolvimento científico tornou o mundo uma unidade capaz de produzir abundâncias, mas o que impede que tal façanha ocorra são as instituições políticas e as crenças arcaicas que estão atrasadas em relação à ciência. Enquanto nossa tecnologia demanda cooperação de toda a raça humana enquanto uma única unidade de produção e consumo, nossas paixões e crenças políticas persistem na exigência da competição. Sendo que as aristocracias das nações se utilizam do Estado para fins privados que não atendem as demandas das classes menos privilegiadas economicamente.

A paixão pela propriedade privada está ligada à paternidade<sup>9</sup>. Russell enfatiza que certos homens de espírito público e preocupação social, deixam de lado tal aspiração quando iniciam as suas famílias, pois tendem agora a focar a sua vida na vida particular ao invés do bem público. Se houvesse a cessação de propriedade privada para crianças, isto é, heranças, e se no mundo houvessem cuidadores sem pais, essas medidas resultariam em um mundo onde os seres humanos se preocupam com a humanidade em geral. Tal preocupação geraria coesão internacional e um entendimento de que toda a raça humana é uma unidade cooperativa, uma vez que tal ideia é necessária caso queiramos que a civilização sobreviva (RUSSELL, 1947).

A boa sociedade seria então aquela que incentiva os indivíduos a serem amigáveis entre si e construtivos, ao invés de agressivos, destrutivos e competitivos. Por isso que Russell (1947) defende a existência de um Estado não competitivo, ao invés de meramente uma educação não-competitiva, pois a escola, mesmo sendo cooperativa, acabaria por ter que preparar o aluno para viver no mundo adulto, que seria competitivo do outro modo. Mas há momentos em que a competição de maneira geral é benéfica. Esses momentos são as seleções para os preenchimentos de cargos públicos do Estado Internacional, dado que os trabalhos mais difíceis devem ser ocupados pelos homens mais bem preparados. O que acarretaria em uma certa divisão de classes entre os burocratas e o restante da população. Mas após a retirada da

---

<sup>8</sup> Na obra tratada no artigo, Russell não detalha sua ideologia econômica ideal, que em um escrito futuro será o socialismo de guilda, como já elencado em nota anterior. Ver RUSSELL, Bertrand. *Caminhos para a Liberdade: Socialismo, Anarquismo e Sindicalismo*. Tradução Breno Silveira. São Paulo, Martins, 2005 (Orig. 1948).

<sup>9</sup> Russell, apesar de defender que a criação das crianças nos primeiros anos de vida pelas famílias é uma boa maneira de gerar diversidade de pensamento na sociedade, no fim, defende uma certa concepção semelhante à de Platão n'A *República*.

possibilidade de doar heranças e diminuição do poder paternal, abriria as possibilidades para que os indivíduos competissem em função de seus méritos e não por causa da família em que nasceram e de direitos herdados.

Cabe ressaltar que Russell (1947) se mostra defensor do estado comunista russo. Para ele, o mundo só encontrará paz após as disputas entre os sistemas capitalistas e comunistas e que ele advoga em função do comunismo, mas com algumas ressalvas. A sua principal crítica ao comunismo russo se refere ao dogmatismo que a idolatria ao Estado e ao Partido Comunista adquiriram. Esse dogmatismo, também presente em função das ideias de Karl Marx, é tão prejudicial ao progresso científico quanto tem sido o Cristianismo. Essa idolatria gera uma mentalidade de guerra nos russos, mas que de certa forma é justa, pois os países não-comunistas têm a pretensão de arruinar o projeto deles. Outra ressalva de Russell diz respeito a uma possível vitória global dos comunistas, momento em que aqueles que ocupam as posições burocráticas do Estado tenderiam a rejeitar qualquer forma de pensamento contrário ao comunismo, o que, evidente, é contrário a defesa do antidogmatismo proposta pelo filósofo.

Há um tênue conflito entre a ciência e o governo. O governo necessita do desenvolvimento científico para que haja progresso, mas o desenvolvimento da ciência pode solapar algumas concepções defendidas pelos governantes. Para que haja um Estado científico e racional, deve haver uma preocupação com a formação de seus cidadãos, pois o conhecimento, principalmente o conhecimento abstrato, é o que possibilita a existência de uma comunidade civilizada, mas 1) poucos cidadãos têm interesse nesse tipo de atividade; 2) adquirir conhecimento abstrato requer uma certo nível de sustentação material de outras pessoas que não estão ligadas a essa investigação e; 3) os investigadores são normalmente vistos como cidadãos inúteis e preguiçosos. O exemplo de Pitágoras é um desses tipos (RUSSELL, 1947).

Tendo essa concepção de Estado Internacional e da necessidade da educação para a manutenção e progresso da civilização, Russell (1947) defende que a educação do cidadão deve prevalecer sobre a educação do indivíduo, pelo menos durante um ou dois séculos, uma vez que um Estado Internacional é o único capaz de acabar com as guerras atuais e mitigar as ameaças de uma outra grande guerra entre as nações, como aconteceu na Primeira Guerra. Apesar do valor da formação cidadã frente à formação individual, a essa última também é necessário dar o devido valor. É essa questão que se discute na próxima seção.

### **3. A Educação Ideal**

De acordo com Russell (1947), há uma tendência hegeliana em dizer que um bom indivíduo é aquele que cuida do bem do todo e o bem todo é uma



disposição feita pelos bons indivíduos. Não é tal tipo de justificação metafísica que Russell pretende combater ou defender ao falar da educação. Sua preocupação é com a grande diferença que existe na prática educacional cotidiana entre as duas abordagens com enfoque no cidadão ou no indivíduo. Além dessas duas abordagens, ele ainda cita um terceiro tipo que seria a abordagem negativa, abordagem em que o estudante teria liberdade de fazer e escolher o que quiser fazer dentro da escola sendo o papel dos educadores dar liberdade para o livre desenvolver. Apesar de ser simpático a tal tipo de educação, o filósofo inglês aponta que existem diversos benefícios de certas práticas disciplinares na educação, como por exemplo a higiene compulsória, a pontualidade e a rotina, elementos que fazem com que o estudante tenha as condições necessárias para o aprendizado e para o convívio em sociedade.

O Estado Internacional (EI) deve fornecer à população um sistema universal de educação compulsória. Esse sistema mantido pelo governo é melhor que o sistema inglês do contexto de Russell, pois as universidades não precisam se preocupar em agradar os capitães da indústria que, normalmente, são as pessoas que as financiam por meio de doações. No sistema educacional de Russell há uma sutil mistura de liberdade e disciplina (RUSSELL, 1947).

### 3.1 A FORMAÇÃO IDEAL DO CIDADÃO

O filósofo, semelhante à Platão<sup>10</sup> e Aristóteles, entende que a parte cognitiva do ser humano é a base da sua excelência. Contudo, a parte cognitiva não é o todo, sendo dependente das outras partes do ser humano. Por esse motivo, o estudante, além de lições, precisa desenvolver as habilidades necessárias para o trabalho e a produção, pois é seu dever como cidadão. Tais cidadãos, no futuro, serão os responsáveis por manter as necessidades físicas<sup>11</sup> do EI e do seu sistema educacional. Só existe espaço para o ócio e para a atividade intelectual quando as necessidades físicas já estão supridas. Tal sentido de dever para com o EI e com a humanidade é fruto da substituição da competição pela cooperação e esse novo sentimento presente na educação é um sólido avanço moral que advém dessa completa mudança de sistema econômico e político (RUSSELL, 1947).

---

<sup>10</sup> De fato, todo o sistema político proposto por Russell é muito semelhante ao sistema proposto por Platão há mais de 2500 anos.

<sup>11</sup> Não se defende aqui um dualismo, mas usa-se a palavra física no sentido das necessidades mais básicas do ser humano como alimento, moradia, transporte, etc. e a palavra intelectual será usada no sentido de se referir as atividades mentais, científicas, filosóficas, etc.

Para Russell (1947), ao pensar em uma formação ideal, deve-se estar consciente do sentimento de grupo que está sendo criando, mais do que qualquer outra coisa. É preciso ter em mente que um pouco de submissão ao grupo é importante, mas muita submissão acaba com a individualidade. O medo e vergonha do julgamento da multidão já é um sentimento enraizado em quase todo mundo. O que se faz necessário na educação ideal é o cultivo do bom senso de uma vivida cidadania do mundo. A educação ideal é aquela que propicia uma cultura genuína.

A genuína cultura consiste em ser um cidadão do universo, não apenas de um ou dois fragmentos arbitrários de espaço-tempo; ela ajuda os homens a entender a sociedade humana como um todo, a estimar sabiamente os fins que a comunidade deve perseguir e a ver o presente em relação ao passado e ao futuro. A cultura genuína é, portanto, de grande valor para aqueles que exercem o poder, a esses ela é tão útil quanto informações detalhadas (RUSSELL, 1947, p.87, tradução minha).

Para se formar cidadãos com essa genuína cultura é que ele defende que a maneira de fazer homens úteis é fazê-los sábios, e uma parte essencial da sabedoria é uma mente compreensiva. Uma mente compreensiva não pode ser uma mente meramente obediente e adestrada, em função disso, a formação de indivíduos, mesmo estando em um segundo plano, também é necessária para a formação de bons cidadãos.

### 3.2 A FORMAÇÃO IDEAL DO INDIVÍDUO

A escola ideal deve dar o direito às crianças de discordarem dos adultos e até mesmo de acharem que eles são ignorantes. Se um adulto quer convencer uma criança a fazer certo tipo de ação, ele deve argumentar e não obrigar a criança a pensar ou se comportar da maneira que ele quer. Deve ser um princípio da educação, em todos os seus aspectos, que aos jovens não sejam ensinadas mentiras edificantes e que todo assunto esteja aberto ao debate racional e a consideração científica. Por exemplo, se um jovem que durante toda sua vida foi ensinado que a alma é imortal descobrir por livre iniciativa que tal dogma é falso, ele acabará por não confiar mais nos adultos e, de certa forma, na sociedade em geral. Todo conhecimento é bom e nenhuma exceção pode ser admitida. As crianças não podem ser desestimuladas a estudar assuntos que os adultos não querem ou acreditam que deva se manter inalterado, tal comportamento retira a curiosidade delas e é avesso à investigação científica e ao desenvolvimento da humanidade (RUSSELL, 1947).

Além das escolas comuns, Russell (1947) justifica a criação de escolas especiais em localidades em que haja densidade populacional suficiente. Tais escolas podem 1) evitar o sofrimento que aquelas crianças mais inteligentes sofrem por serem diferentes do grupo; 2) permitir avanços mais rápidos nas aulas e; 3) estimular o espírito de equipe e de cooperação entre os alunos, pois eles possuem maiores afinidades. Ele fala até em dar uma certa licença para aqueles que são considerados “lunáticos”. Essas escolas incentivariam os inteligentes a se aperfeiçoarem o que contribuiria para a melhoria da sociedade no futuro, pois cada vez mais a sociedade será dependente de inteligência bem treinada e informada. Essa formação diferenciada seria a responsável por formar os futuros burocratas gestores das coisas do Estado Internacional. Para entrar em tais instituições ter-se-ia como base apenas o mérito dos alunos, tendo em vista que a todos seria garantido o mesmo nível de educação básica e os elementos necessários a sua sustentação física e intelectual. Essa competição educacional seria muito menos acirrada pois todos tiveram equidade econômica e segurança econômica. O que para o autor é mais justo e menos traumático do que os testes educacionais finais de seu tempo, que determinam todo o futuro econômico e social de um indivíduo em relação ao sucesso em um teste curto após um período de longa preparação.

O filósofo resolve a questão entre a formação do cidadão e a formação do indivíduo dando primazia para a formação do cidadão nas escolas e admite um nível mínimo de propaganda estatal dentro das escolas a fim de manter a coesão social dentro do Estado Internacional. Essa propaganda seria capaz de produzir um senso de solidariedade da raça humana e da importância da cooperação internacional. Porém, Russell também salvaguarda às crianças o livre pensar e julgar imparcial, para que elas próprias possam decidir em seu futuro e não sejam vítimas de uma obediência cega a um propagandista. Esse livre pensar se daria ao se apresentar diversos pontos de vista, elemento que as preparará para exercer a democracia, pois uma boa democracia deve respeitar os indivíduos que não são parte do grande grupo. Um exemplo dessas possíveis divergências de pontos de vista é dado por ele ao falar dos possíveis livros de história escolares que deveriam ser organizados por uma liga das nações com a assistência dos Estados Unidos da América e da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (RUSSELL, 1947).

O professor ideal deve ser capaz de dar as duas formações. Russell (1947) indica que existem dois tipos de professores: 1) aqueles que têm entusiasmo pelo seu assunto, amam ensiná-lo e passam esse entusiasmo aos alunos e; 2) aqueles que gostam da posição de poder e de fácil autoridade e que gostam de governar, mas não possuem habilidades suficiente para governar adultos. A educação que

visa a eficiência moderna incentiva o segundo tipo de professor, pois turmas que possuem uniformidade são mais facilmente mensuráveis pelos administradores do sistema educacional, o que é prejudicial para toda a educação que se pretenda a criar indivíduos altamente desenvolvidos intelectualmente e com amor pelo conhecimento. O professor deve incentivar os talentos que os alunos já possuem e diminuir as horas de instrução geral para esses indivíduos que possuem certas habilidades e interesse em determinada área. Assim sendo, haveriam poucas horas de lição geral, diversas lições voluntárias e esse bom ensino poderia tornar o aprendizado novamente prazeroso. Os professores também deveriam ter certo conhecimento de psicologia, de pedagogia e certa liberdade de adaptar o currículo quando necessário. No entanto, o que se observa é a superlotação de atividades que não dão espaço para o exercício reflexivo, o que retira o gosto dos alunos por aprender qualquer novo conhecimento, refletindo inclusive na vida adulta.

### **Considerações Finais**

Para Russell, o tipo de cidadão ideal é também o tipo de indivíduo ideal. Sua concepção advém da necessidade da criação de um grande bloco de colaboração internacional. Com tal Estado Internacional em mente, há uma defesa de uma formação educacional que propague um senso de cidadania global e de uma cooperação social, de modo que, os interesses coletivos tenham mais relevância que os interesses pessoais dos indivíduos. Todavia, também é preciso que aos indivíduos seja assegurado o livre pensar e a iniciativa individual, elementos característicos de grande parte dos grandes pensadores da história da humanidade e que normalmente estão em oposição ao pensamento das grandes massas e líderes políticos.

Atualmente, os professores, principalmente os professores públicos de Filosofia, se encontram nessa ceara que Russell procura resolver entre a educação voltada à formação do cidadão e a educação voltada à formação do indivíduo. Esse problema parece ser de simples resolução, mas basta perceber as disputas que ocorrem no Brasil nos últimos anos entre a sociedade, os representantes eleitos e os profissionais da educação sobre quais conteúdos devem compor o currículo da educação básica e qual deve ser o comportamento do professor em sala de aula para compreender a atualidade da questão proposta.

Algumas propostas para adequar a educação brasileira de acordo com o pensamento de Russell, no que tange a prática docente, seriam: 1) a promoção de grupos de estudos que estudos seriam organizados pelos professores de cada disciplina e seriam voltados àqueles alunos que demonstram interesse disciplina em questão; 2) eventos de debate entre os estudantes abertos à escola ou à

comunidade escolar sobre temas atuais e divergentes, tais eventos poderiam ser precedidos por preparações juntos com os professores e; 3) a valorização da cooperação internacional entre os estudantes que poderia se dar através da resolução de problemas da maneira dialogada em vídeo conferências em língua estrangeira ou por intercâmbios e parcerias entre países. Com tais iniciativas postas em prática, parece que o modelo de educação de Russell estaria mais próximo de se concretizar. Essas propostas vão de encontro com a vida do filósofo que não se contentou apenas em dizer como a educação deveria ser, mas que foi pragmático ao organizar a escola Beacon Hill.

### Referências Bibliográficas

RUSSELL, Bertrand. **Education and Social Order**. London: A.H. Wheeler, 1947.